artigos demonstram, com a boa vontade de deixar S. Ex.ª terminar antes de pronunciarm-e, intento aliás frustrado, porque irrisório seria após uma demora igual.

Vem até muito tarde a conclusão do meu humilde trabalho, que deve ser felizmente irreductível para punir questões de prioridade. Quasi nada aceitei; a hipótese da quebradura ornamental dos arcos devo no entanto, tal qual vai, restituir-lha ao Sr. Joaquim de Vasconcelos. Creio também não ter dado, através quatro meses de operosa expectativa em que estes artigos me caíam das mãos, grande medida de dispersão nem a minha consciência de defesa acusa lacunas. Fui breve e, por mais que digam, o mais impessoal possível. Muitos ver-rão nestas páginas que sei eu? descerteia em suma. Não..., e firo a nota com a tranquilidade que me dá a consciência ainda! o que aqui podem ver-se são impassíveis machadas de quem abre caminho à verdade em Portugal. Ai vão afirmações despretenciosas. E que valeria a pretensão. As ideas são de todos..., o homem passa; a obra fica? se não absurda, essa imortalidade era ainda falaz.

Coimbra, 21 de Maio de 1918.

EDMUNDO ARMÉNIO CORREIA LOPES.

Nota.—Os Arcos de ferradura, I e II, foram muito espaçadamente publicados nos Ecos de Guimarães (8 de Abril e 2 de Setembro de 1917), Os outros dois (ver Allegro vivace p. 20, nota 5) que se lhes seguem, bem me custaram a revindicar, inéditos mesmo. Eis uma das causas da demora da publicação e a outra ideia em que estive de os dar à Revista de Guimarães. C. L.

Estudos sobre a época do ferro em Portugal

À semelhança do que fiz com a época do bronze (vid. Arch. Port., xi, 179-180), inauguro aqui uma secção destinada a conter estudos, ou simples notas, respeitantes à época do ferro, que, como é sabido, se subdivide em dois períodos, de Halstatt, e de La Tène.

I

Objectos do Museu Arqueologico de Faro

(Desenhos de Saavedra Machado)

Referi-me n-O Arch., xxiii, 111, a alguns objectos da época do ferro possuídos pelo Museu de Faro, e d’ele prometi falar depois.
Cumpro agora a promessa, e reuno os objectos em dois grupos: espolio funerario dos arredores da Lagôa; e espetos de bronze.

a) ESPOLIO FUNERARIO DOS ARREDORES DA LAGÔA:

Este espolio, já dado como da época do ferro por Monsenhor Bôto, *Glossario critico do Museu*, Faro 1889, p. 28, consta dos seguintes objectos:

—Xorca de bronze, de 0\(^{m}\)10 de diâmetro, e de secção circular: tem enfiados doze pendentes ornamentais de forma de chouriço. Vid. fig. 14.


—Contas vitreas pretas, ocultadas de massa branca, semelhantes às de que falei no meu livro *De Campolide a Metrose*, pp. 23 e 134. Vid. fig. 3.

---

1 E não «onze» como por equivoco diz Bôto, *loc. cit.* (Ao que eu aqui chamo *chouriço* chama o referido autor *sanguesuga*). Da existência d'estes chouriços na xorca vê-se que não deve ter-se por «arrecada» um aparecido em Santa Olaia (2\(^{o}\) período do ferro), como fez Santos Rocha na *Portugalia*, x, 328 (cf. est. xxx, 50), equivoco em que era facil cair, perante um objecto avulso. No Museu Etнологico ha dois chouriços iguais, um que apareceu em Mertola, e me foi dado pelo S.º João Manoel da Costa, outro que obteve em Condeixa-a-Velha em 1917. Além do que se disse acima, o pendente de Condeixa está muito fechado, para que pudesse ter servido de arrecada. Os pendentes de Condeixa e de Mertola é possível que aparecessem em sedimentos pre-romanos, propriamente nas ruínas de *Conimbriga* e *Myrtilis*; se apareceram em sedimentos romanos, devem porém ter provindo da época do ferro, como se vê da comparacao com os do Santa Olaia e Lagôa. Para ilustração do assunto, publico os pendentes de Mertola e Condeixa nas duas figuras adjuntas (figs. a e b). Ultimamente (Novembro de 1917) veio do castro de Cendufe (Alto-Minho) um chouriçinho igual, tambem de bronze, trazido para o Museu pelo D.º Felix Alves Pereira. D'este castro e o tronco de estatua lusitana publicado n-*O Arch. Port.*, xiii, 202, pelo mesmo ilustre investigador.—Tudo isto concorda cronologicamente entre si.
— Contas de vidro azul, umas globulares, outras achatadas, e todas elas irizadas. Vid. fig. 4.
— Contas de vidro amarelado, cor de ambar, achatadas. Vid. fig. 5.
O resto de que fala Boto, já não existe.

b) ESPETOS DE BRONZE:

— O espeto que se representa na fig. 6, tem 1 m.05 de comprimento, é de secção quadrangular, e vai estreitando para a ponta. O cabo, elegantemente talhado, termina em cima por uma expansão da extremidade do espeto, e fica delimitado em baixo por duas aselhas: há nele breve ornamentação, constante de circulozinhos postos num espaço compreendido entre grupos de linhas paralelas. Apareceu no Cabo de S. Vicente. Cf. Boto, Glossario, p. 30.
— Outro espeto, fig. 7, de 1 m.03 de comprimento. O cabo na sua parte superior é ornamentado por uma linha de SS. Junto da aselha há três séries verticais da mesma figura, em linhas paralelas, tanto de um lado como do outro. Cf. Boto, ob. cit., p. 51. Este espeto foi oferecido ao Museu de Faro por El-Rei D. Carlos; d’ele fala Estacio da Veiga nas Antiguid. mon. do Alg., t. iv, est. xxv, n.º 8.
Os objectos que hoje se têm por espetos1 eram outrora considerados como armas da idade do bronze (espadas, estoques).

II

Espetos de bronze do Museu Etnologico Português
(Desenhos de Sanvedra Machado)

No Museu Etnologico ha, como digo na respectiva Historia, p. 189, três espetos de bronze: de Alguber, de Figueiros, e de Beja. O último, que pertenceu ao Dr. Teixeira de Aragão, en cujo espolio o comprei, foi já mencionado e figurado por Estacio da Veiga nas Antiguid. mon. do Algarve, t. iv, p. 208, e est. xxv, n.º 9; os dois restantes estão inéditos, e d’elos vou aqui falar.
O espeto que se representa na fig. 8 tem 1 m.05 de comprimento e secção rectangular. Vai estreitando para a ponta. O cabo, com uma expansão central, fica delimitado da parte de fora por uma especie de concha bivalva, e da outra parte por duas aselhas: nisto

---

se assemelha a um dos do Algarve, já descritos. Como este, tem também uma ornamentação simples, mas diversa: consta de linhas cruzadas, de forma de x, postas entre fassas de linhas paralelas. A ornamentação é nas duas faces, embora numa esteja mais apagada que na outra. Apareceu na Serra de Todo o Mundo, ou de Alguber, concelho do Cadaval, e foi-me oferecido, particularmente a mim, pelo Sr. José Maria Fogaça, já há anos.

O espeto que se representa na fig. 9 tem 0^m,825 de comprido, e secção quadrangular. Estreita para a ponta. O aspecto geral é análogo ao do espeto antecedente, porém o objecto está desprovido de ornamentação. Apareceu na referida Serra de Todo o Mundo, vizinhanças de Figueiros, concelho de Cadaval. Foi obtido pela Direcção dos Trabalhos Geológicos, que o enviou para o Museu Etnológico.

Nas figs. 10 e 11 representam-se duas hastas aguçadas, uma de 0^m,155 de comprido, e outra de 0^m,102, ambas de secção quadrangular. Fizeram evidentemente parte de espetos, cada uma de seu. A primeira era maior quando apareceu, mas quebraram-na. Ambas foram achadas ao pé do Painho, também no Cadaval, e pertencem-me.

Os lugares de Alguber, Figueiros e Painho são vizinhos uns dos outros; por isso os quatro objectos que descrevi acima provêm, pode dizer-se, de uma única localidade: cf. Historia do Museu Etnológico, p. 189. O concelho do Cadaval abunda de objectos da idade da pedra e do bronze, aparecidos a cada passo, sobretudo os da primeira especie. Objectos da idade do ferro, à parte os de Pragança, é que têm aparecido pouco.

III

Joias de prata do Museu de Castelo Branco

(Desenhos de Sales Viana)

No Museu de Castelo Branco há uma bela coleção de joias de prata, —xorcas e fibulas—, aparecidas num esconderijo ao pé das muralhas de Monsanto da Beira. Aqui as von publicar, mercê de desenhos feitos em 1916, expressamente, e a meu pedido, pelo S.º Sales Viana, Professor do Liceu da mesma cidade. O escrupulo que tive de dar a lume estes objectos, quando n-O Arch. Port., xxii, 297, falei do Museu albicastrense, cessou com o falecimento de Tavares de Proença Junior, que os havia coligido, e o tencionava estudar.

Acompanhavel de algumas palavras os desenhos, e dividirei o meu artigo em duas secções, correspondentes aos dois grupos de joias. No fim farei algumas considerações gerais.
I. XORCAS.

As xorcas que vi, são em número de oito, mas quatro são muito semelhantes, por isso só figure cinco.

Xorca 1.a—Formada de cordões, uns lisos, outros torcidos. Em dois dos lisos foram cinzeladas, na parte média, umas figurazas que vão desenhadas em separado: uma tem aspecto de folha; outra consta de dois triângulos ligados pelas bases e terminados em circulozinhos. Vid. fig. 12.a (No centro vão as figurazas suplementares).—Analogas a esta xorca há mais três.

Xorca 2.a—Xorca lisa: vai adelgaçando para os dois extremos, que terminavam em argola (falta uma). Secção circular. Na parte mais grossa aplicaram-se dois cordões, também de prata, achatados e dispostos, como ziguezague, entre três fuxas, cada uma delas de quatro estrias. Parte do cordão e parte d'uma das fuxas faltam. Vid. fig. 13.a (No centro especifica-se o pormenor do cordão suplementar, e fora, ao lado, figura-se a argola que resta de um dos topos).

Xorca 3.a—Fita pouco espessa, que se dobrou, formando uma xorca aberta, fig. 14.a: na extremidade há exteriormente um desenho, que se pormenoriza na fig. 15.a (extremidade da xorca rectificada).

Xorca 4.a—Lisa e chata, aberta como a anterior. Fig. 16.a.

Xorça 5.a—Haste dobrada, para se adaptar ao punho. Tem em parte secção circular, em parte secção octogonal. Adelgaça do meio para as extremidades, que terminam em argolas; na parte central é ornada de pontos, dispostos em series paralelas sobre a parte citada.—Fig. 17.a.

Todas as figurazas são menores que o tamanho natural.

II. FIBULAS.

Tenho desenhos de quatro fibrulas de prata.

Fibula 1.a—Bastante complicada, e de difícil descrição. A cabeça da fibrula é formada por uma haste horizontal, em cada uma de cujas extremidades se levanta um pescoço de cavalo, voltado para fora. A haste encaixa numa dobra do arco, em que há vestígios de ferro, e apresenta adiante uma cabeça de boi, com restos de douradura. No dorso do arco está pressa por um prego de prata uma especie de ponte em que se levantam duas hastes terminadas em protuberâncias (uma das hastes termina em cinco, a outra em seis), hastas que representarão plantas, ou figurazas muito estilizadas. O pé da fibrula termina em cabeça de animal, de cujo meio se ergue outra cabeça estilizada. A cabeça de animal, ou extremidade do pé da fibrula, fixa-se por um prego de prata (com vestígios de douradura) à cauda de um quadra-
pede que vai encostar-se às duas protuberâncias que estão sobre a ponte. Outros pregos da mesma substância se vêem por baixo da ponte, segurando as hastes ou figuras. — Houve desejo de reunir aqui muitos animais. — Vid. fig. 18 (parte anterior da fibula), e fig. 19 (a fibula vista de lado, no seu conjunto).

No Museu há vários fragmentos soltos de fibulas analogas.

_Fibula 2.ª e 3.ª_ — Em cada uma d'elas a cabeça dobra-se, forma um olhal por onde passa uma travessa terminada de cada lado em botão, na qual devia enrolar-se espiralmente um fio que falta, bem como falta o fusilhão. O pé tem uma goteira para descanso do fusilhão; segue-se ao pé um apendice artístico, de forma de roca de fiar, mais apurado na fibula 3.ª que na 2.ª Este apendice, na fibula 2.ª, toca o dorso do arco, como no tipo classico de La Tène I. — Vid. figs. 20 e 21.

_Fibula 4.ª_ — De charneira. Na cabeça há uma haste horizontal, onde se prendia o fusilhão, de que só resta parte da cabeça, de ferro. O sistema de ligação do fusilhão com a cabeça da fibula é de charneira, mas o fusilhão falta; só há vestigios de ferro no ponto de junção. O apendice do pé volta-se, e vem agarrar-se ao arco, junto da cabeça, por duas expansões laterais (como garras); é cínzelo longitudinalmente. O descanso do alfinete está partido. — Vid. fig. 22 (fibula vista de lado) e fig. 23 (fibula vista de dorso).

**Considerações gerais acerca das joias precedentes:**

A xorca n.º 1 (fig. 12) é semelhante, no aspecto geral, a outras de prata, achadas com denarios da Republica romana na fréguesia de Monforte da Beira, concelho de Castelo-Branco, e ora existentes no Museu Etnologico, onde têm os seguintes numeros no inventario especial: 105* a 108*. A xorca n.º 108* foi já publicada na _Historia do Museu_, p. 369, porém na explicação, p. 368, disse-se por engano que ela aparecera no concelho da Idanha. Com elas confronte-se a fig. 5, est. vii, entre pp. 240 e 241, de _L'Art et l'Industrie_ de P. Paris, que a considera iberica, pp. 246–247. No Museu Etnologico há outra de prata, e um fragmento, aparentados com as de Monsanto e de Monforte, embora aparecidos em Vila Velha de Ródão; e ha do mesmo modo uma de ouro, igualmente de Monforte (N.º 42*), comparável ao n.º 4 da citada estampa de P. Paris.

Para a xorca n.º 2 (fig. 13) não me ocorrem termos de comparação.

A xorca n.º 3 (fig. 14 e 15), no seu conjunto, é comparável a uma de bronze de Alcacer do Sal, ora no Museu Etnologico, tam-
bem ornamentada de faxas, mas com outros desenhos que diferem dos d'aquela.—Esta necropole existia já no sec. IV—III a. C., mas continuou a existir até depois d'este data.

A ornamentação da xorça n.º 4 (fig. 16) é semelhante, em parte, à da xorça n.º 3 (fig. 14 e 15); mas termina de cada lado em uma especie de franja formada de angulos em cujos vertices ha circulo-zinhos.

A xorça n.º 5 (fig. 17) lembra, no modo de torsão, uma de Tras-os-Montes, publicada n-O Arch. xv, 85 sgs. por Henrique Botelho (ora no Museu Etnologico), também de prata, aparecida com denarios que datam quasi todos do tempo da Republica Romana.

As comparações que tenho feito ajudam a determinar a época das xorças.

As fibulas relacionam-se tipologicamente com familias de fibulas ibericas muito conhecidas dos arqueologos. Importa porém notar algumas particularidades. Em primeiro lugar o serem de prata; nenhuma das outras de Portugal o é. Em verdade, no Museu Etnologico ha uma fibula de prata, já descrita n-O Arch. Port., xi, 1 sgs., por J. Fortes, mas é de origem romana. De Hispanha só agora me ocorre uma. Em segundo lugar não conheço entre as fibulas ibericas nenhuma perfeitamente igual a 1.º posto que na Hispanha as haja com desenhos de cavalos e de cavaleiros: além d'isso é a primeira vez que se cita, me parece, uma fibula zoomorifica aparecida em Portugal. As fibulas ibéricas do tipo de cavalo, ou do cavalo & cavalheiro, têm por modelo fibulas italicas semelhantes, introduzidas por comércio. Com quanto estes modelos possam ascender ao sec. IV—V a. C. 5 o tipo que resultou d'elas continuou até tarde, até depois da era christã, isto é, até pelo menos, o secundo IV 6.

As fibulas 2.a e 3.a, no corpo e no apendice, assemelham-se a algumas das que Fortes, no seu conscientioso estudo, chama do tipo

---

1 Vid: Hist. do Museu Etnologico, pp. 187—188.
4 Déchelette, Chronologie, pp. 63—64, e Manuel, ii, 2, p. 855.
5 Déchelette, locis citatis.
6 Deonna, p. 277, cita uma d’esse secundo, publicada anteriormente por Besson.
de Sabroso, mas diferenciam-se na terminação do arco, que, em vez de se transformar, como aquelas, em mola espiraliforme, se transforma em uma argola, onde passa um travessão, como na fibula de Santa Luzia, figurada por mim n-O Arch., viii, 19, e reproduzida por Fortes e Déchelette. Analogia a elas é, igualmente com argola, uma de Pragança que figurei na Hist. do Museu Etnologico, p. 365. Déchelette inclue no 1.º período do ferro, ou de Halstatt, a fibula de Santa Luzia, e outras de aspecto semelhante: por tanto também ao mesmo período pertencem a 2.ª e 3.ª de Monsanto; contudo a 4.ª é bem semelhante, pela volta do pé, e contacto com o arco, às de La Tène i ou ii. Na fibula 1.ª também a extremidade do pé atinge o arco: esta fibula poderá considerar-se de transição do 1.º período do ferro, ou de Halstatt, para o 2.º, ou de La Tène, a não a considerarmos antes como de La Tène especial. Assim como nela um dos elementos está fixo com um prego, assim também, embora nostras circunstancias, se fez intervir outro prego na fibula 17.ª de José Fortes (loc. cit., p. 20): noto à coincidencia, por curiosa.

No tesouro em que apareceram, como vimos, as xorcas e as fíbulas apareceram também moedas de prata (denarios) do tempo da Republica romana, sec. iii—ii a. C. Aqui temos pois um elemento cronologico que não desto das considerações apresentadas acima acerca da idade d’aquelas joias: cf. Hist. do Museu Etnologico, p. 368.

Numa excursão que fiz a Monsanto em 1916 informei-me de que no arco dessa vila tinham aparecido varios fragmentos de outras xorcas de prata, e também ricos objectos de ouro, que foram para fóra, os quais já não cheguei a tempo de ver; por mim, adquiri dois denarios consulares, e fragmentos de um vaso de prata que os continha. É muito frequente o aparecerem por ali moedas d’aquelas. O referido vaso achou-se por 1900 no sitio da Atalaia, no couto ou herdeira do Poço do Salvado, a uns 5 kilometros de Monsanto, para o Nascente: além das duas moedas que adquiri, continha mais 71, que não examinei, mas que, pelas informações, deviam ser igualmente consulares.

1 Em Pragança ha varias fíbulas de molas.
2 Chronologia, p. 51, Manuel, p. 685.
3 Cf. O Arch. Port., xxi, 305.
Fig. 1
Fig. 2
Fig. 3
Fig. 4
Fig. 5
Fig. 12 (= zóccas 1.ª)
Fig. 14 (= zóccas 3.ª)
Como é sabido, apareceu em 1907 no vizinho concelho de Penamacor outro tesouro de objetos de prata, um deles muito rico: vid. *O Arch. Port.*, xiv, 44 sgs., onde o falecido Santos Rocha o descreveu; e cf. *Religiões da Lusitânia*, iii, 397 (nota 3) e 484-487. Ainda que Santos Rocha não lhe indica a data com precisão, e apenas o pôe vagamente na «época luso-romana», pôde acrescentar-se que uma lucerna de barro que acompanhava os objectos tem a forma das dos sec. I antes e depois de Cristo.

Do que fica dito tira-se a seguinte conclusão cronológica: que as xorcas e fíbulas de Monsanto da Beira, bem como as xorcas de Monforte, com quanto de origem ibérica, ainda estavam em uso na Lusitânia, pelo menos nos dois primeiros séculos da dominação romana. Em todos estes achados devemos ver documentos da civilização da tribo dos Igæditani, ou Igeditanos, que demoraram por aquela região, e que conhecemos directamente por muitas lapides e inscrições romanas, as quais nós tão testemunho da sua provável etnogênica, da sua língua, das suas crenças, das suas artes (escultura), da sua instrução. Algo ficamos também conhecendo agora do luxo do vestuário.

IV

**Fíbula de bronze do Museu de Castelo Branco**

(Desenho de Sales Viana)

Com as fíbulas de prata, que ficam descritas no cap. iii, está também uma de bronze no Museu de Castelo Branco; todavia esta não provém de Monsanto, parece que foi achada na cerca do castelo da cidade. Fig. 24.

Falta-lhe a cabeça; o arco ou corpo central tem a secção que representa na fig. 25.; o apendice do pé, erecto, formado de roscas, termina em uma especie de furil ou campanula.


A presente fíbula de C. Branco se aplicam as considerações que fiz acima.

J. L. DE V.

---